

ELEIÇÕES ■ Carta será enviada aos candidatos à Presidência da República

Economia - Brasil

Economistas recomendam a opção pelo desenvolvimento

Mariana Carneiro

Economistas reunidos no Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento prepararam uma carta em que recomendam aos candidatos à Presidência da República a volta da importância da política sobre a economia, o que chamam de “radicalização da democracia”. Em carta assinada por Maria da Conceição Tavares, Luiz Gonzaga Beluzzo, e a ex-mulher de Furtado, Rosa Freire D’Aguiar Furtado, os economistas sugerem que a política econômica vá além do controle da inflação e contemple o desenvolvimento econômico.

“Se, na sociedade moderna, é obrigação dos especialistas e técnicos debater abertamente alternativas de políticas públicas, não cabe aos mercados ditar condições – em nome de uma racionalidade abstrata – com a pretensão de desacreditar escolhas políticas que decorrem do exercício da soberania popular”.

Apresentado durante o seminário *Pobreza e desenvolvimento no contexto da globalização*, o documento é, acima de tudo, uma crítica contundente ao chamado neoliberalismo econômico. Beluzzo e Maria da Conceição são críticos conhecidos da linha econômica que prega o livre trânsito de capitais e ajuste fiscal, nasci-

da nos anos 90 sob o Consenso de Washington.

“Aos desequilíbrios sociais, econômicos e culturais do passado associou-se, com o predomínio

Documento é uma crítica contundente ao chamado neoliberalismo econômico

do neoliberalismo, o revigoramento do individualismo darwinista (...) O resultado tem sido o semi-desenvolvimento que submete os povos, há mais

de duas décadas, ao flagelo do crescimento medíocre, incapaz de conter a deterioração dos valores de convivência solidária”.

Segundo Beluzzo, a eleição dos presidentes de viés populista na América Latina, como Hugo Chávez (Venezuela) e Evo Morales (Bolívia), é sintoma da falência do neoliberalismo.

Segundo o economista Mark Weisbrot, do Centro para Estudos de Política Econômica, o Produto Interno Bruto per capita da América Latina cresceu só 9% entre 80 e 2000. Entre 1960 e 80, o avanço foi de 82%.